

FORMAÇÃO HUMANA:

Encontros com a Pedagogia da Esperança de Paulo Freire

Sandrelena Monteiro da Silva ¹
Gustavo Roberto de Lima ²
Sarah Menezes Rocha ³

RESUMO

Este trabalho visa apresentar os estudos-formação realizados no âmbito do Grupo Acolhe a partir da obra “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido”. Objetivou-se através desta pesquisa compartilhar os estudos realizados através da leitura desta obra de Freire e os valores por nós destacados quando do encontro com os escritos ali registrados. Tomamos por base teórica o próprio Paulo Freire e também Viktor Frankl, pelas concepções de ser humano que exprimem. A metodologia participativa, investigativa e reflexiva foi adotada para a realização dos estudos-formação e, em seu desenvolvimento, a leitura da obra freireana propiciou a formação individual e coletiva do Grupo, com foco na identificação dos valores humanos cultivados na Pedagogia da Esperança. Apontamos como resultados finais as expressões impressas em narrativas individuais dos integrantes do Grupo Acolhe, construídas a partir das reflexões provocadas pela leitura do livro em questão. O estudo da Pedagogia da Esperança nos impulsionou a pensar a necessária educação não apenas do nosso pensar, mas também do nosso sentir, a educação da esperança, para que seja crítica; a educação da saudade, para que não se ancore em um otimismo ingenuamente excessivo.

Palavras-chave: Grupo de Estudo, Paulo Freire; Pedagogia da Esperança, Acolhimento.

INTRODUÇÃO

O Grupo Acolhe: Estudos e Pesquisa em Educação, Desenvolvimento e Integralidade Humana vem desenvolvendo suas ações de estudo, pesquisa e extensão universitária desde o ano de 2018. Como parte de suas ações, o Grupo se reúne semanalmente para o estudo teórico que não apenas fundamenta suas pesquisas e ações de extensão, mas, especialmente, constitui o espaço-tempo de formação de seus

¹ Doutora em Educação e Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, sandrelena.monteiro@ufjf.br;

² Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, lima.gustavo@estudante.ufjf.br;

³ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, sarah.rocha@estudante.ufjf.br.

integrantes. Essa formação tem tanto o caráter de formação docente, já que nos encontramos no âmbito da educação, quanto, especialmente, de formação humana. Aqui reúnem-se professoras e professores do Ensino Superior, da Educação Básica e estudantes de diferentes cursos de graduação.

A perspectiva de um ser integral, multidimensional, uno e diverso ao mesmo tempo, sustenta nossa concepção de ser humano. Tal perspectiva encontra suporte especialmente nas teorias de Paulo Freire, Viktor Frankl, Henri Bergson (2009) e Jean Piaget (1998).

No recorte que aqui apresentamos, daremos especial ênfase à teoria de Paulo Freire e ao estudo-formação da obra *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, a mais recentemente estudada pelo Grupo. Nesse exercício de escrita objetivamos compartilhar com os leitores os estudos realizados e os valores por nós destacados quando do encontro com os escritos ali registrados.

Em nossos encontros configura-se uma metodologia participativa, investigativa e reflexiva, em que todos os integrantes assumem uma co-responsabilidade desde a organização do estudo da obra, a sua leitura, compartilhamento das percepções e produção de material a ser postado na página do Grupo Acolhe no Instagram (@acolhefacedufff).

Essa escrita fala dessa forma de estudo em grupo e no Grupo e dos aprendizados aí construídos.

A ORGANIZAÇÃO PARA OS ESTUDOS: Aprendizados e Compartilhamentos

Na dinâmica de estudos e formação do Grupo Acolhe há uma atenção especial à formação de seus integrantes, isso porque, se a boa vontade é parte importante na educação, ela não prescinde de uma formação segura e com boa base nos estudos teóricos e na formação humana. Assim, é ação constitutiva do Grupo a organização de ciclos de estudos. O ciclo de estudos que aqui apresentamos refere-se à teoria de Paulo Freire e dentro de sua obra, especialmente, o livro *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*.

A metodologia de estudo da obra se deu com movimentos ora individuais, quando cada integrante, em suas casas, estudavam; ora coletivos, quando, nos encontros semanais em grupo e no Grupo, compartilhávamos nossas impressões da obra, do autor e os nossos

aprendizados, dando ênfase aos valores que se destacam, aos nossos olhos, no encontro com os escritos ali registrados por Paulo Freire.

Para nossa organização interna de estudos, dividimos o livro “Pedagogia da Esperança” em partes as quais foram estudadas e discutidas por todos os integrantes do Grupo a cada semana, ao longo de dois meses, conforme apresentado no quadro a seguir.

Quadro 1 - Divisão do livro “Pedagogia da Esperança”, de Paulo Freire, para o estudo do Grupo Acolhe.

PEDAGOGIA DA ESPERANÇA (Edição 2016)

(semana - páginas - síntese dos conteúdos)

Semana 1 (p. 21 a 69)

- Sobre sua infância e juventude;
- Sobre a chegada no exílio e a dificuldade de aprender a existir no “lugar de empréstimo”;
- Experiências que marcaram no exílio, os encontros e aprendizados;

Semana 2 (p. 71 a 113)

- A experiência de voltar ao livro “Pedagogia do Oprimido”, o olhar para traz, reencontro com as lembranças;
- Medo da liberdade
- Processo criativo de Paulo Freire;
- Rever posturas e concepções;
- Aprendizagem com os operários;
- Reflexões sobre a docência e ensino da leitura e da escrita;
- Disciplina intelectual.

Semana 3 (p. 115 a 143)

- Disciplina intelectual;
- Reflexões sobre (des)respeito;
- Diálogo com algumas críticas feitas à “Pedagogia do Oprimido”;
- Reflexão sobre (des)humanização;
- Reflexão sobre sonhos e sonhos possíveis;

Semana 4 e 5 (p. 145 a 188)

- Postura ética;
- Relação professor aluno;
- Papel/Postura educador;
- Conteúdos escolares;
- A publicação do “Pedagogia do Oprimido” e o encontro com outros estrangeiros que estão fora de casa;
- Cansaço existencial e anestesia histórica;
- Sobre educação popular;

Semana 6 (p. 189 a 211)

- Diálogos com grupos estrangeiros e educação de crianças;
- Ações junto a grupos da Igreja Católica;
- Reflexões sobre a culpa;
- Sobre as minorias.

Semana 7 (p. 213 a 248)

- Multiculturalismo;
- Movimentos da Igreja Católica;
- A maneira dialética de pensar;
- Alguma referência à Teologia da Libertação.

Semana 8 (p. 249 a 271)

- Ideia da comunhão;
- Diálogo;
- Notas sobre diversas viagens;

Fonte: autoria própria

A cada semana, após o estudo, uma pessoa, ou grupo de pessoas, ficava responsável por produzir um material com a finalidade de compartilhar nossos estudos e aprendizados com os seguidores do Grupo Acolhe no Instagram.

A CONCEPÇÃO DE SER HUMANO EM FREIRE

Desde março de 2020, quando da suspensão das atividades presenciais na universidade, momento em que enfrentamos a pandemia da COVID-19, os integrantes do Grupo Acolhe passaram a realizar seus encontros de forma remota, fazendo uso da plataforma Google Meet, mas, sem abrir mão de manter como fio condutor a perspectiva de um aprendizado participativo e compartilhado, em que a ideia freireana intitulada “Círculo de Cultura” (FREIRE, 2020b) estivesse presente.

O contexto de distanciamento físico se apresentou para nós como uma “situação-limite”, pontuada por Freire (2016) como um obstáculo a ser enfrentado e superado diante das incertezas do que estava sendo vivido coletivamente por todos nós. Era necessário encontrar um “ato limite”, capaz de se constituir em um meio para lidar com o distanciamento físico, minimizando os impactos negativos que a situação nos impunha. Encontramos na tecnologia da internet e das redes sociais recursos que de alguma forma nos mantivesse em contato, e, especialmente em plataformas virtuais, como o Google Meet a possibilidade de construção de uma espaço-tempo de encontro, distante

fisicamente, mas juntos, em outras dimensões de presença. Inicialmente, queríamos apenas estar próximos, ainda que distantes fisicamente, mas, aos poucos, fomos descobrindo no enfrentamento da “situação-limite”, através de nosso “ato-limite”, o surgimento de um “percebido-destacado” que aponta para um “inédito viável” de ressignificações e transformações, onde é possível agir por uma educação progressista ainda que a realidade seja adversa, dura e incerta.

O conceito de “inédito viável” foi por nós melhor entendido ao ler as “Notas Explicativas” gentilmente escritas por Ana Maria Araújo Freire⁴, ao final do livro “Pedagogia da Esperança” edição de 2016. Assim nos esclarece a autora:

Esse “inédito viável” e, pois, em última instância, algo que o sonho utópico sabe que existe, mas que só será conseguido pela práxis libertadora que pode passar pela teoria da ação dialógica de Freire ou, evidentemente, porque não necessariamente só pela dele, por outra que pretenda os mesmos fins. O “inédito viável” é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada, e quando se torna um “percebido-destacado” pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais sonho, que ele pode se tornar realidade. (FREIRE, 2016, p. 278-279)

Nunca em nossa história recente, enquanto seres humanos havíamos pensado em uma situação como a que vivíamos, em que o contato físico, tão valorizado, especialmente por nós brasileiros, seria quase que fatal. O distanciamento físico se tornou uma medida de proteção da vida, portanto deveria ser praticado. No entanto, não se tratava necessariamente de distanciamento social, como muito se falou, mas sim de distanciamento físico. Poderíamos e precisávamos, talvez mais que nunca estarmos juntos, em nossas ações, atitudes, comportamentos. Precisávamos estar presentes e sermos acolhedores. As redes sociais, as tecnologias de comunicação digital nos oportunizou superar o que parecia ser insuperável. Estávamos juntos, virtualmente, os acolhíamos, nos cuidávamos. Estávamos não apenas sobrevivendo à pandemia, mas existindo.

Nesse cenário, incerto e adverso, nos compreender enquanto seres inacabados, e em constante devir faz-se uma estratégia de resiliência, pois nos impulsiona a dar sempre o próprio passo, a uma nova ação, a mais um capítulo na nossa história e na história da humanidade.

⁴ Ana Maria Araújo Freire foi esposa de Paulo Freire e se dedica a organizar, publicar e divulgar a obra do autor. Na versão do livro Pedagogia da Esperança que usamos no estudo há notas explicativas construídas por ela.

Paulo Freire compreende os seres humanos produzindo e produzidos na sua própria história, sendo ao mesmo tempo sujeitos e objetos vivendo e existindo social, cultural e historicamente, “como seres fazedores de seu ‘caminho’ que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao ‘caminho’ que estão fazendo e que assim os refaz também.” (FREIRE, 2016, p. 135).

Freire escreve que o grande salto humano “(...) foi trabalhar não propriamente o inato nem somente o adquirido, mas a relação entre ambos”, desta forma, “nós nos tornamos hábeis para imaginativa e curiosamente “tomar distância” de nós mesmos, da vida que portamos e para nos dispormos a saber em torno dela.” (FREIRE, 2016, p. 136.).

Passamos a analisar criticamente a nós mesmos, a nos ver como seres no mundo que podem transformar e ser transformados por aqueles que o compõem e ao nos permitimos, temos a capacidade de “Ser Mais”.

É importante insistir em que, ao falar do “Ser Mais” ou da humanização como vocação ontológica do ser humano, não estou caindo em nenhuma posição fundamentalista, de resto, sempre conservadora. Daí que insista também em que esta “vocação”, em lugar do ser algo a priori da história é, pelo contrário, algo que se vem constituindo na história. (...) A utopia, porém, não seria possível se faltasse a ela o gosto da liberdade, embutido na vocação para a humanização. Se faltasse também a esperança sem a qual não lutamos. O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz. (FREIRE, 2016, p. 137)

A concepção humana em Freire (2016) guia-nos a buscar a consonância entre o ambiente em que vivemos e nossas relações em busca de justiça sociais. Para ser possível, faz-se necessário passar “pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização.” (FREIRE, 2016, p. 137).

ESTUDOS REALIZADOS, APRENDIZADOS QUE NOS PERPASSAM

Freire (2016), como um bom professor, conduziu nossas reflexões nos mostrando o quão importante são os valores e as virtudes para a prática docente, para que não caiamos no “risco de não sermos coerentes, de falar uma coisa e fazer outra, por exemplo”. Com Freire (2016), percebemos que a docência implica no desenvolvimento

ético do respeito a todos e todas, da cumplicidade, do diálogo, da coerência, da resiliência e da esperança crítica para que sejamos sujeitos progressistas e democráticos.

Como já dito antes, após o estudo de cada semana uma pessoa ou grupo de pessoas ficava responsável por produzir um material a ser postado na página do Grupo Acolhe no Instagram, com o objetivo de compartilhar com os(as) nossos(as) seguidores(as) os estudos realizados.

Em sua organização, cada publicação destacava um valor que tivesse sido ressaltado no encontro com a leitura do livro. Em algumas situações era o próprio Paulo Freire quem os falava, tendo sua voz-escrita apresentada na forma de citação direta. As imagens abaixo falam um pouco sobre esse processo de compartilhamento dos nossos aprendizados.



Fonte: Instagram do Grupo Acolhe

A cada publicação um valor destacado e o exercício de apontar como ele nos ajudava a pensar nossa forma de responder à “vida que está sendo” nesse contexto de pandemia.

A necessária esperança, mas esperança crítica, necessária à luta em defesa da vida.

<p>A luta em defesa da vida necessita da</p> <h3>Esperança Crítica</h3> <p>Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desdereça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero. Daí a precisão de uma certa EDUCAÇÃO da ESPERANÇA.</p>  <p>Precisamos da esperança crítica, como peixe necessita de água despoluída.</p>	<p>A Educação da Esperança tem o objeto de evitar que ela resvale para a desesperança e o desespero, o que levaria à inação e ao imobilismo.</p> <p>No fundo, eu vinha educando a minha esperança enquanto procurava a RAZÃO de ser mais profunda da minha DOR. Para isso, jamais esperei que as coisa simplesmente se dessem.</p>  <p>TRABALHEI as coisas, os fatos, a vontade. INVENTEI a esperança concreta em que um dia me veria livre de meu mal-estar.</p>
--	--

Fonte: Instagram do Grupo Acolhe

Freire (2016) nos ensina sobre a necessidade da educação da esperança. Educação essa que tem como objetivo evitar que a esperança se resvale para a desesperança, dando campo ao desespero, o que levaria o ser humano à inação e ao imobilismo. Sem negar que a desesperança é algo concreto, que tem raízes históricas, econômicas e sociais, o autor não convida a não desistir, pois não é possível entender a “existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho” (p.14).

Com essa perspectiva a construção de estratégias de resiliência, que se concretizava na tomada de consciência sobre como se sentia, sobre que fatores e acontecimentos poderiam ter provocado tal estado d’alma, e, então, agir no sentido de que a análise crítica pudesse ajudar a encontrar o caminho para um novo bem estar.

<p>“Naquela tarde chuvosa, de verdura intensa, de céu chumbo, de chão molhado, eu DESCOBRIR a trama de minha dor. PERCEBI sua razão de ser. Me CONSCIENTIZEI das várias relações entre os sinais e o núcleo central mais fundo, escondido dentro de mim. DESVELEI o problema pela apreensão clara e lúcida de sua razão de ser. Fiz a “arqueologia” de minha dor.”</p> <p>“No meu caso, que acabo de relatar, desvelar a razão de ser de minha experiência de sofrimento foi o suficiente para SUPERÁ-LO.”</p> 	 <p>“Em última análise, comecei a tomar meu mal-estar como objeto de minha curiosidade. Tomava distância” dele para apreender sua RAZÃO DE SER. Eu precisava, no fundo, de ILUMINAR a trama em que ele se gerava.”</p> <p>“Me faltava agora, para GANHAR a clareza necessária sobre a EXPERIÊNCIA de minha dor, DESCOBRIR a trama remota em que esses elementos adquiriram ou foram adquirindo o poder de deflagrar o meu mal-estar.”</p> 
---	---

Fonte: Instagram do Grupo Acolhe

Ao finalizarmos o estudo, de forma que pudéssemos realizar uma autoavaliação sobre o impacto do estudo de Freire (2016) em cada sujeito participante do Grupo Acolhe, foi feito um convite a seus integrantes para que cada um/uma realizasse uma narrativa individual partindo da seguinte pergunta: como foi estudar a “Pedagogia da Esperança” nesse momento da vida?

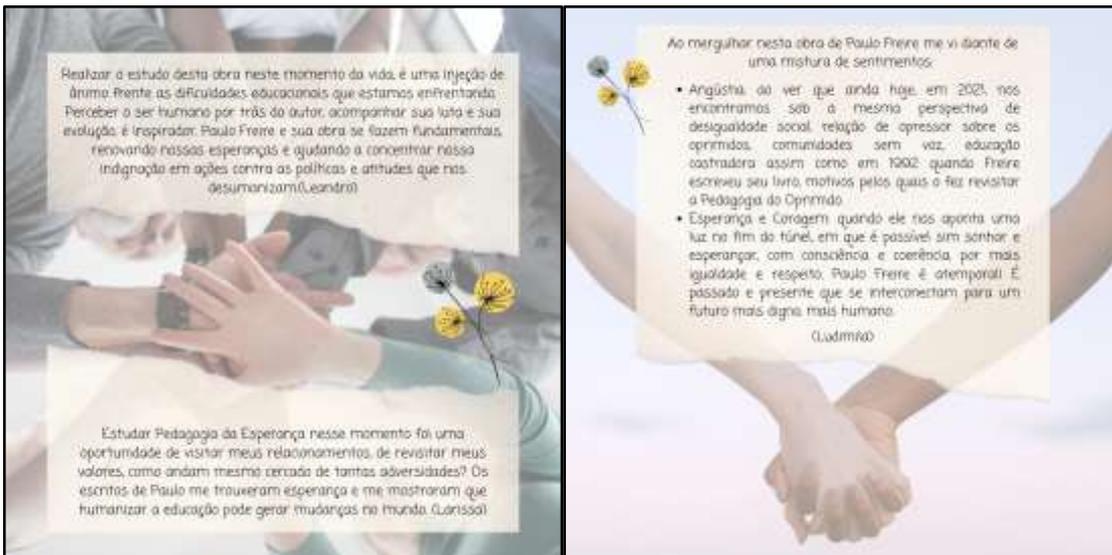
Os depoimentos registrados através da escrita destas narrativas expressaram o quão subjetiva é a maneira como nos vemos tocados individualmente por essa leitura, demonstrando o olhar único e irrepetível da pessoa humana que somos (FRANKL, 2018).

As narrativas apresentaram uma influência positiva do livro para pensar as possibilidades do contexto atual, em meio a uma situação-limite, permitindo vislumbrar um inédito-viável, tal qual esse estudo mesmo representou, por meio do encontro remoto para o estudo da obra de Freire. Isso nos permite vislumbrar algo de resiliência (PEREIRA, 2021), do desenvolvimento de uma capacidade de sair de situações de crise, que poderiam gerar adoecimento, transformados e fortalecidos.

Como fomos tocados? As imagens abaixo nos trazem um pouco daquilo que as narrativas nos revelaram.



Fonte: Instagram do Grupo Acolhe



Fonte: Instagram do Grupo Acolhe

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do livro “Pedagogia da Esperança”, foi proposto para que nos aprofundássemos coletivamente nas reflexões teóricas que são pilares para as pesquisas e ações de extensão Grupo Acolhe. Concomitantemente, essa leitura nos convidou a irmos além, encaminhando nossas discussões sobre o passado e o presente brasileiro, tendo em vista as vivências de Paulo Freire no período em que seu livro foi escrito. Freire (2016) nos auxiliou a atravessar as adversidades desse momento, pela criticidade de suas reflexões sobre o contexto sócio-político de nosso país, nos ensinando a esperar e ressignificar sentimentos e pensamentos que nos ocorreram.

Com ampla abrangência, o estudo da Pedagogia da Esperança nos impulsionou a pensar a necessária educação não apenas do nosso pensar, mas também do nosso sentir, a educação da esperança, para que seja crítica; a educação da saudade, para que não se ancore em um otimismo ingenuamente excessivo.

Aqui compartilhamos o movimento de nossos estudos, a forma como nos organizamos e algo sobre nossos aprendizados. Um estudo que nunca se faz sozinho, sempre há a necessidade do diálogo com outros estudiosos. Diálogo que se dá na fala, mas também na escuta, essa tão rara nos dias atuais. Por fim, ao encerrar esse exercício de escrita e compartilhamento, fica a certeza cada vez mais palpável de que a obra de

Paulo Freire é atemporal e enquanto tal precisa fazer parte dos currículos de formação de professores tanto inicial quanto continuada.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. A energia Espiritual. São Paulo: **Editora WMF Martins Fontes**, 2009.

FRANKL, Frankl. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. 44^a ed. São Leopoldo: **Sinodal**; Petrópolis: **Voices**, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 23^a ed. São Paulo/Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2016

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 66^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: **Paz e Terra**, 2020a.

FREIRE, Paulo Pedagogia do Oprimido. 74^a. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: **Paz e Terra**, 2020b.

PEREIRA, Raquel Rinco Dutra. Resiliência nos modos de ser e estar de estudantes de Cursos de Licenciatura da Universidade Federal de Juiz de Fora. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - **Universidade Federal de Juiz de Fora**, Juiz de Fora, 2021.

PIAGET. Jean. Para onde vai a educação? 14^a ed. Rio de Janeiro: **José Olympio**, 1998.